



Eixo temático: Doenças Infectocontagiosas

DISCRIMINAÇÃO DE PACIENTES COM HIV: UMA REALIDADE AINDA PRESENTE

Ravitiany de Lourdes dos Santos Torres¹; Ágda Ruanny Cruz Ferreira de Melo²; Ana Maria de Sá Silva²; Fabiano Mendes de Menezes³.

INTRODUÇÃO

A contaminação pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) continua sendo um problema constante para a saúde pública mundial, não só pelas consequências médicas da fragilização do sistema imunológico, mas também pelo preconceito que a doença carrega desde sempre. Desde que a epidemia começou, quem vive com HIV/AIDS sofre com discriminação e é excluído da sociedade, o que dificulta o acesso igualitário aos serviços de saúde e prejudica sua vida (Santos et al, 2022.)

Na área da enfermagem, estudos demonstram que atitudes discriminatórias ainda estão presentes no cotidiano dos profissionais de saúde, o que compromete o cuidado e a adesão ao tratamento. O estigma pode se manifestar por meio de comportamentos de distanciamento, julgamentos morais e falta de preparo profissional para lidar com as especificidades do paciente soropositivo. Essa realidade gera barreiras na criação de vínculos de confiança, prejudica a assistência integral e leva muitas pessoas a abandonarem o tratamento (Souza et al, 2023; Costa et al, 2020).

Da mesma forma, na enfermagem, pesquisas mostram que a discriminação ainda existe e atrapalha a criação de laços de confiança, prejudica o cuidado atencioso e faz com que as pessoas não sigam o tratamento corretamente. Assim, este estudo busca entender como a discriminação continua sendo um obstáculo para o cuidado de quem vive com HIV/AIDS, na

¹ Discente do curso de Enfermagem do Centro Universitário do Rio São Francisco (UNIRIOS) - ravidelourdes@gmail.com

² Discente do curso de Enfermagem do Centro Universitário do Rio São Francisco (UNIRIOS)

³ Especialista, formado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Docente do Centro Universitário do Rio São Francisco (UNIRIOS) - fabiano.menezes@unirios.edu.br



enfermagem, mostrando os efeitos negativos dessas atitudes na saúde, no bem-estar e na qualidade de vida, além de ressaltar a importância de uma formação ética e humana que promova um cuidado completo, justo e respeitoso. (Santos et al, 2022).

OBJETIVO

Identificar a causa da discriminação das pessoas com HIV, pelos profissionais de saúde.

METODOLOGIA

Foi realizada uma busca qualitativa no Portal de Periódicos da CAPES, utilizando os descritores “HIV” AND “Discriminação” AND “Profissional da Saúde”, no período de 2020 a 2025. Essa busca resultou em 22 artigos, dos quais apenas foram selecionados após a leitura dos resumos e análise de relevância.

Em seguida, foi conduzida uma nova busca no mesmo portal, empregando os descritores “HIV” AND “Discriminação” AND “Enfermagem”, também no período de 2020 a 2025. Nessa etapa, foram encontrados 14 artigos, sendo 1 selecionado para subsidiar a análise do presente artigo.

O critério de inclusão considerou artigos que abordassem a discriminação por pessoas que vivem com HIV no contexto da prática da enfermagem, especialmente no cuidado prestado por enfermeiros a pacientes adultos, com idades entre 20 e 40 anos.

Foram excluídos os estudos que tratavam da discriminação relacionada à população idosa ou gestantes, bem como aqueles que não abordavam diretamente a atuação do enfermeiro no cuidado às pessoas vivendo com HIV/AIDS.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O HIV causa o enfraquecimento do sistema imunológico, fazendo com que o indivíduo fique mais suscetível a infecções bacterianas, fúngicas e virais. Pode-se perceber que, desde o descobrimento dessa patologia, muitos discriminam os portadores, fazendo um falso julgamento e isolando da sociedade. Essa discriminação não está presente apenas na sociedade,



mas também no mundo da saúde, onde muitos profissionais por falta de entendimento pela doença acabam discriminando os pacientes. (Souza et al, 2023).

Dados mostram que foram encontrados 34 relatos de preconceito, principalmente nos serviços públicos de saúde (85%), por parte de todos os profissionais de saúde, predominantemente enfermeiros (41,2%). Na mesma pesquisa, mostrou-se que 41,2% de um total de 68 participantes HIV afirmaram ter sido discriminados por profissionais de saúde. Nesse estudo, a maior porcentagem de discriminação também esteve no sistema público de saúde (78,6%), e entre os profissionais envolvidos encontravam-se os enfermeiros (34,2%). Além disso, mostrou-se que muitos que são atendidos não falam que são portadores da doença, sendo os principais motivos o medo do profissional não manter sigilo, constrangimento ou porque o profissional não passou segurança para ele. Nesse sentido, a principal causa da discriminação está fundamentada na falta de competências científicas relacionadas com a clínica e patologia da doença, fazendo com que os profissionais ofertem um tratamento fundamentado no senso comum (Santos et al, 2022; Horn; Rissi; Pelisser, 2016).

A discriminação ocorre quando o profissional recusa o atendimento, oferta aconselhamentos rasos ou exagerados demais, exagero na biossegurança, como usar várias máscaras ou várias luvas. Além disso, o modo de falar é de suma importância, pois muitos profissionais conduzem o atendimento de forma impessoal, fazendo com que as informações, que deveriam servir como tranquilizantes, passam ser amedrontadoras, fazendo com que o paciente abandone o tratamento e se isole da sociedade, afetando diretamente a sua saúde mental, física e social (Costa et al, 2020).

Na enfermagem ocorre discriminações, pois muitos profissionais não oferecem o cuidado baseado em evidências, tratando de forma desumanizada e sem empatia. Além disso, muitos profissionais não colhem o histórico da doença, não perguntam o que o paciente sabe sobre a doença e nem como ele se sente em relação a ela, fazendo com que o elo enfermeiro-paciente seja quebrado. Por causa dessas condutas, o paciente pode ter resistência ao tratamento e pode abandoná-lo, fazendo com que o cuidado que deveria ser holístico, passe a ser discriminatório e ineficaz (Santos et al, 2022).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostra que o preconceito e a discriminação ligados ao HIV ainda dificultam o acesso à saúde, especialmente na odontologia e na enfermagem, prejudicando o vínculo com os profissionais e a continuidade do tratamento. Essas atitudes decorrem, em grande parte, do medo infundado de contágio, da falta de preparo e de preconceitos históricos. Por isso, é essencial investir na formação ética e humanizada dos profissionais da saúde, garantindo um atendimento completo, justo e acolhedor que promova a saúde, o bem-estar e a cidadania das pessoas que vivem com HIV/AIDS.

PALAVRAS-CHAVE

HIV. Discriminação. Enfermagem.

REFERÊNCIAS

COSTA, Karine Silva. et al. Aspectos éticos relacionados ao atendimento odontológico de pacientes HIV positivo. **Revista Brasileira de Odontologia Legal**. 2020;7(2):02-10.

HORN, Caroline P; RISSI, Débora R; PELISSER, Rúbia. Discriminação ao paciente portador do vírus HIV. **Unoesc**. 2016.

SANTOS, Rita de Cássia Pereira. et al. Desafios e dificuldades enfrentados por enfermeiros em relação a assistência a pessoas vivendo com HIV/AIDS. **Society and Development**. v. 11, n. 7, e9811729713, 2022.

SOUZA, Laila Thainara André da. et al. A discriminação como barreira de acesso ao tratamento odontológico de pacientes HIV positivos. **Brazilian Journal of Health Review**. Curitiba, v.6,n.2,p.7206-7219,mar./apr.,2023.